

Um olhar sobre a saúde do Professor: desafios e possibilidades.

Marisa Elizabetha Boll Thiele¹

Rita Melânia Webler²

Considerações iniciais

“... O mal-estar geralmente é ocasionado pela falta de respeito do aluno, com o professor, o próprio ombro duro, estresse, cansaço, desânimo, são coisas que às vezes acontecem, mas geralmente ocasionados quando o aluno não atende, não respeita, está desinteressado, e a gente vê que não consegue atingi-los, não existe um retorno deles... () “... Eu sinto, no físico tenho problemas nas pernas, são varizes e, então a dor, fico muito tempo em pé, dor nas pernas, bastante. Mas o pior mal-estar é aquele de estar incomodada, de que o trabalho não está rendendo, de que não é isso...” (trechos da entrevista de professores na pesquisa/PDE)

Quem de vocês já não teve essa sensação?

A fragilidade, a insegurança, o medo, a incerteza, - além da dor, do desconforto, da dúvida, é claro – tomam conta de nós e daqueles que nos acompanham...

O que será que acontece na educação que, apesar dos avanços tecnológicos, da ampliação de acesso e do direito garantido por lei, não se tem conseguido satisfazer as necessidades... Muito tem se discutido e planejado em educação, mas as ações não têm alcançado o impacto positivo esperado no contexto geral da população e na vida das pessoas.

O/a professor/a está doente? Excesso de trabalho, indisciplina em sala de aula, salário baixo, pressão do sistema educacional, formação inicial deficiente, formação continuada ineficiente, violência, demanda de pais de alunos, bombardeio de informações, desgaste físico e, principalmente, a falta de reconhecimento de sua atividade seriam algumas causas de estresse, ansiedade e depressão que vem acometendo os professores.

¹ Professora Pedagoga da Rede Estadual de Ensino – PR – Pesquisa realizada no PDE

² Orientadora da IES – UNIOESTE – Campus Mal. Cdo. Rondon - PR

A análise realizada nessa pesquisa tem me instigado, tanto na posição de trabalhadora da educação como na de pesquisadora do PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional), pelas observações realizadas no dia-a-dia na escola, ou seja, que há um aumento de tensões e angústias produzindo algumas situações inaceitáveis.

No trabalho e na vida temos as forças de produção que nos determinam, forças de geração, de criação, que estão em constante movimento e interação. São forças que não se deixam capturar por completo pelas normas, regras e processos, instituídos de reprodução. Há sempre brecha por onde a luz da vida pode passar, até que alguém as note. Impõe-se em meio à homogeneização a que estamos submetidos. São as fissuras que teimam que abrem passagem para a frágil educação.

Na produção de conhecimentos temos o desafio de buscar alternativas para a equação que se forma no encontro de necessidades, interesses e desejos – de alunos e trabalhadores em educação. Acreditamos na existência de dispositivos que possam dar maior dinâmica a essa produção.

E assim essa pesquisa do PDE me abriu a oportunidade de experienciar um novo “olhar” sobre o professor, na perspectiva do acolhimento, do direito a saúde e de respeito ao seu trabalho. Proporcionou-me encontros, reencontros, com pessoas, serviços na escola e de formação, referenciais teóricos, produções coletivas, os quais, através de diferentes aspectos fizeram o papel da cor, do sabor, da luz, do brilho... e me puseram de novo neste caminho de construção e de busca da alegria no trabalho.

Assim, esse material didático é parte da proposta de trabalho no PDE e foi produzida no mesmo processo de estudos da minha orientadora Rita Melânia Webler, minha companheira de viagem (reais e imaginárias), com quem compartilhei tão rica e envolvente experiência de aprendizado. O foco de atenção dessa pesquisa está voltado com o intuito de diagnosticar, caracterizar e compreender aspectos da relação trabalho e mal-estar docente e suas influências no processo educativo no grupo de professores de uma escola da rede estadual de educação, num município do oeste do Paraná.

A oportunidade favorece o enfoque que queremos dar à compreensão do que seja o trabalho em educação, não só como uma prática técnica, estruturada, com conhecimentos estruturados, mas como prática de relações, ou seja, um trabalho que vai se construindo num processo dinâmico, de interação entre pessoas e as condições do meio em que se inserem, configurando uma realidade cheia de dores e sofrimentos,

alegrias, sonhos e desejos, encontros e desencontros, instituições, tecnologias, saberes e crenças.

Buscando elementos nos referenciais teóricos, evidências nos fazem acreditar que os docentes estão inseridos numa microestrutura – a do universo escolar compartilhada com colegas (e por vezes, suas famílias), diretoria e coordenação pedagógica – também se encontram numa macroestrutura de políticas educacionais que a nosso ver, não pode ser ignorada. Evidencia-se que os docentes vivenciam diferentes formas de sofrimento ao confrontar-se com as situações desfavoráveis de suas atividades e desenvolvem estratégias de enfrentamento que amenizam o sofrimento e favorecem transformar a angústia em força propulsora de mudança, pois a presença do trabalho coletivo, o desenvolvimento de regras de ensino e o reconhecimento por parte dos alunos, se constituem como possibilidade de construção de saúde e prazer no trabalho.

Por fim apresentar ou propor soluções viáveis para a superação ou estratégias para evitar o mal-estar docente e implantar uma proposta de intervenção na escola.

Caminhos percorridos: *as coisas não começam do nada, vivemos num processo histórico.*

Uma inquietação. Ansiedade pelo começo. Como fazê-lo?

Como é mesmo que se faz uma pesquisa?

Leituras e mais leituras, de um material denso, com múltiplas bifurcações, que nos levam a requisitar a literatura e nos provocam a explorá-las. Experiências de encontros singulares que nos mobilizam intensamente, por serem fascinantes... Experiência viva. Cria vida.

E nesse momento, a vida nos abriu oportunidade de vivenciar com o grupo de professores, colegas de uma vida profissional e pessoal, uma investigação, uma pesquisa.

É produto da participação direta e indireta de um grande conjunto de pessoas, trabalhadores da educação, que contribuíram para sua realização. Contribuições de

corpo e alma, falas e escutas, sorrisos e lágrimas, pensamentos e ações, conhecimentos sistematizados, e muito mais, especialmente aquilo que não se expressa por palavras.

O material de análise foi colhido a partir da solicitação feita aos professores nas entrevistas considerando os seguintes aspectos: o que os levou à escolha dessa profissão; formação profissional inicial e continuada; relatos de vivências do dia-a-dia; situações conflituosas ou problemas da prática pedagógica; papel do professor (a); situações vividas de mal-estar.

Apesar do enfoque da pesquisa ter sido afetivo, participante no momento em que realizamos as entrevistas individuais pudemos conferir alguns exemplos de comprometimento comportamental, ou seja, ações que reforçam e revelam o comprometimento afetivo. Para enfocar esta posição assumida pelos professores frente à escola, bem como todo o empenho no atendimento aos alunos e o envolvimento com a atividade, nada melhor que a fala de alguns deles:

“... Em nenhum momento pensei em mudar de profissão, me identifiquei tanto que eu não sei fazer outra coisa a não ser dar aulas.” (Depoimento do professor 1)

“... Meu relacionamento com os meus alunos, eu considero ótimo, salvo raras exceções, eu tenho um relacionamento de amizade, de respeito com os alunos, muitas expressões do tipo: professor eu odeio a sua matéria, mas eu gosto de você, em função da experiência de muitos anos de magistério eu construí com meus alunos uma fraternidade, um respeito, uma amizade, mas nem sempre isto reflete em resultados na questão do aprendizado, acho que isso tem ajudado muito, um diálogo permanente com os alunos, isso ajuda muito, mas não tem sido um fator decisivo, só isso não é o suficiente...” (Depoimento do professor 7)

“... Eu vejo assim, houve grandes transformações políticas, econômicas, tecnológicas e sociais e isso gera grandes preocupações também dentro da educação. [...] a meu ver, isso gera um grande anseio em atender os alunos e isso faz com que a educação fique numa situação ruim, a educação não se torna linear, você tem que parar o conteúdo para atender outras solicitações, outras necessidades. Então, às vezes o professor fica angustiado com essa situação...” (Depoimento do professor 10)

“... Não pensei ainda, mas sei que se eu não estivesse mais em sala de aula, eu optaria por fazer algo relacionado com a escola ou na área da pesquisa, pois não conseguiria deixar de estudar não consigo me imaginar longe deste universo de ensino e pesquisa, é algo assim mais forte do que eu, não sou eu que escolhi, fui escolhida...” (Depoimento do professor 15)

As informações para a caracterização dos professores foram obtidas por meio de entrevistas e questionários respondidos por 21 professores. Todos estes profissionais compõem o corpo docente do Colégio Estadual Marechal Gaspar Dutra – Ensino Fundamental e Médio, do município de Nova Santa Rosa.

Os dados permitem visualizar e revelam um perfil de professores quanto aos aspectos sócio-profissionais que caracterizam o grupo e ao que podemos perceber o quanto é favorável à realização de um trabalho coletivo, significando que a direção da escola e sua equipe podem contar com a grande maioria desses profissionais. Até porque, segundo a pesquisa, 71% dos professores atuam apenas nessa escola, sendo que a maioria deles é do Quadro Próprio do Magistério (QPM) isso facilita o comprometimento dos mesmos com o Projeto Político Pedagógico da escola. Outro fator predominante é o da formação inicial, 100% dos professores a possuem e o que é melhor, dentro da sua área de atuação.

As narrativas, feitas nas entrevistas dos professores, a respeito da sua formação inicial, nas suas histórias de vida, referenciam o presente desse profissional da educação hoje no passado.

“... Eu sempre gostei de estudar e sempre admirei muito os meus professores, achava-os inteligentíssimos e sérios. Quando eu terminei o ensino médio eu ainda estava em dúvida quanto a minha profissão, primeiro eu queria fazer medicina, mas as condições financeiras da época fizeram o meu sonho adiar, então me inscrevi para o vestibular no curso de Letras passei e comecei a faculdade. No início do curso não tive certeza se era isso mesmo que eu queria, mas os meses foram passando e aquele lugar no meio dos livros das letras me fascinou eu me apaixonei pelos estudos. Cada ano se tornava mais gostoso e divertido, mas a realidade ficou diferente quando começaram os estágios. A realidade dentro da sala de aula foi bem diferente daquela que víamos na faculdade...” (trecho do depoimento nas entrevistas sobre a formação inicial – professor 12)

“... Eu acho que a faculdade está totalmente fora, que eles ensinam, na minha visão, é impossível passar para o aluno, pois não tem nada a ver, pois a linguagem é muito mais ampla, muito mais abstrata, que eles nunca iriam entender. Então, eu tenho que buscar tudo de novo, conteúdos bem diferentes, conteúdos bem mais gostosos, mais fáceis, mais interessantes, principalmente que tem nexos com o dia-a-dia deles...” (professor 17)

“... Desde minha infância, convivo numa sociedade que ainda carrega traços de machismo, eu recebi uma educação voltada aos afazeres do “lar”. Minha mãe esperava que eu chegasse aos 18 anos casada, é claro que não foi isso que aconteceu, mas não consegui fugir totalmente da minha sina, digamos assim, desenvolvi um interesse muito grande em cuidar da minha casa, mas queria ter minha profissão, por isso optei por alguma que não fosse obrigada a cumprir horários integrais, como professora, que dependendo do seus horários, sobra tempo para trabalhar em casa também. Depois foi só escolher a área, quando optei por geografia descobri que já havia nascido professora...” (professor 15)

A maioria dos professores não tem dúvida: a formação inicial foi importante, atendeu as expectativas, porém reconhecem que não estão totalmente preparados para a realidade da sala de aula. Isso porque se declaram insatisfeitos com a própria didática. Contraditório, não? O simples fato de frequentar uma universidade e ter a chance de ler,

estudar e debater as teses da pedagogia mundial é uma experiência interessante. A capacitação inicial tem variadas e complexas dimensões e a universidade é o primeiro lugar para um profissional se apropriar das ferramentas para ensinar e com isso poder enfrentar as dificuldades do dia-a-dia da escola como a desmotivação, a indisciplina e as diferentes realidades sociais e culturais dos alunos, mas não é isso que vem ocorrendo na prática.

Segundo Esteve (1999), “as experiências que os professores iniciantes vivenciam na faculdade, são consideradas inadequadas com a imagem criada por eles”.

Muitos professores, segundo as entrevistas, realizaram sua formação inicial concomitantemente à sua atuação como profissional e foram construindo sua identidade profissional de educador adequando os saberes da universidade aos conteúdos e práticas que já dominavam no trabalho que realizavam. Alguns questionam o modelo universitário com que conviveram durante o período de formação. Há uma dificuldade em entender que o Ensino Superior tem a função de preparar o acadêmico para saber construir o seu método de trabalho e não dar os conteúdos prontos para simplesmente repassar para os alunos do ensino fundamental e médio. Esta é uma das críticas que muitos professores fazem, quando em cursos de capacitação querem coisa práticas “prontas” para repassar para os alunos. Há dificuldade de aceitar conhecimentos teóricos que os capacitem para saber intervir no processo de aprendizagem, solucionar os problemas dos alunos. Não criar novos problemas para os alunos, porque o professor não consegue caminhar com o aluno, não tem um bom método para que a aprendizagem aconteça.

Por tudo isso, Esteve (1999), menciona a formação permanente como uma das estratégias de evitar o mal-estar, sendo que a mesma não deve reduzir-se ao âmbito dos conteúdos acadêmicos, mas, além disso, incluir também os problemas metodológicos, organizacionais, pessoais e sociais, que, continuamente misturam-se às situações no magistério.

“A inovação educativa ocorre sempre com a presença de equipes de trabalho; para modificar a prática do magistério, é muito importante tomar contato com outros professores que já estão inovando e comprovar por si mesmo que a renovação pedagógica existe e que produz material pedagógico e novas relações entre professores e alunos.” (ESTEVE, 1999, p. 142- 143)

Essa afirmação do autor é confirmada nas entrevistas realizada, conforme depoimento abaixo:

“... A gente tem por formação um conteúdo que a gente acha ou tem certeza que o aluno precisa saber, sou da opinião o professor deve ser o detentor do

conhecimento e repassá-lo ao aluno, quanto ao que ensinar na minha área não tem mudado muito, o que mudou é o modo de como ensinar...” (professor 20)

“... A capacitação é o que pode ajudar o professor a ser melhor de verdade e a ter práticas de ensino mais eficientes...” (professor 12)

Passamos a conhecer essa realidade: o professor gosta da profissão, mas não está satisfeito com ela. Sabe que é parte de sua função preparar os alunos para um futuro melhor e gosta de vê-los aprendendo, porém se ressentido por ter de providenciar a educação global (valores, hábitos de higiene, etc.) que a família não dá. Questionando os professores a respeito muitos souberam integrar e utilizar com harmonia as vantagens dessa educação global, enquanto outros se obstinam em manter seu papel tradicional, ignorando a enorme força e o interessante potencial educativo que os novos canais de informação podem colocar a seu serviço. A luta é desigual. Quem pretende manter a exclusividade só tem a perder.

“... Hoje até te digo que, largaria a profissão, recentemente tive crises e vontade de largar tudo. Não por falta de amor, adoro o que eu faço amo de coração minha profissão, não fui médica, mas ajudo os outros a serem médicos, não por deixar de amar minha profissão, mas sim pelo sistema que está sendo imposto... () “ ... Eu vejo o papel do professor muito amplo, eu acho que só o conhecimento científico não é o suficiente, eu procuro transmitir aos meus alunos, além do conhecimento científico, a moral, a ética, cidadania acho muito importante...” (professor 2)

“... Cabe a nós professores no ato de ensinar, usar a intencionalidade pedagógica a fim de comprometer a aprendizagem do aluno, e o aprendizado se dá quando nós concebemos o aprendizado como construção. Nós professores temos hoje esse novo perfil, nos inserindo ao maravilhoso mundo da informática, mas o professor ainda é o melhor instrumento de ensino e eu acredito primeiro nele.” (professor 12)

Segundo os resultados da nossa pesquisa 71% dos professores mostram-se satisfeitos com seu trabalho apesar das dificuldades que enfrentam, têm na vocação, no amor à profissão sua principal motivação, trabalham no que gostam, tem consciência da importância da profissão docente. Ao mesmo tempo, muitos se queixam do trabalho duro e que não é reconhecido pela sociedade:

“... Educar não é fazer “bico”. Teve épocas em que o professor trabalhava numa empresa e que fazia da educação um segundo emprego, mas não é mais assim, é um trabalho árduo que requer boa preparação por parte do professor e, além disso, nós estamos trabalhando com a formação de uma pessoa, pelo menos é isso que nós estamos tentando fazer...” (professor 10)

“... Eu penso que **antigamente** havia um respeito maior pelo professor, eram respeitados pelo simples fato de serem professores. Hoje existe uma perda geral de valores, em toda sociedade, e por sua relação direta o professor acabou sendo **humanizado demais, próximo demais a todos**. Hoje o professor precisa fazer se respeitar, às vezes a duras penas, principalmente essas duras penas para si, o próprio estresse que isso gera por não ser valorizado simplesmente pelo que é...” (professor 15)

“... Antigamente o professor era considerado um líder, não só na escola como na sociedade, na comunidade em que ele vivia, ele era respeitado pelo conhecimento, ele era o repassador do conhecimento aos alunos que era valorizado por sua capacidade. Atualmente a profissão do professor está bastante desacreditada, por causa do desrespeito, da desvalorização, do desinteresse dos alunos e dos próprios pais...” (professor 20)

As fontes literárias e da própria pesquisa, concordam em assinalar, que, nos últimos anos, têm aumentado as responsabilidades e exigências que se projetam sobre os professores, coincidindo com um processo histórico de uma rápida transformação do contexto social. Essa acelerada mudança acumulou as contradições do sistema de ensino. O professor, no sistema atual, queixa-se de mal-estar, cansaço, angústia, desconcerto, com isso tem experimentado uma crise de identidade.

“O mal-estar docente é uma doença social produzida pela falta de apoio da sociedade aos professores, tanto no terreno dos objetivos do ensino como no das recompensas materiais e no reconhecimento do status que lhes atribui.” (Esteve, 1999, p.144)

Para Nosella (1996), a maior parte das vezes a escola foi encarada como prolongamento dos cuidados familiares. Segundo o mesmo autor, houve durante as últimas décadas uma democratização escolar, todavia teve lugar uma deformação do método, com queda, assim da qualidade. Fica assim delineada a situação descrita, no depoimento de um dos professores entrevistados:

“... Hoje está assim: finge-se que se ensina e o aluno finge que aprende, eu acho isso no mínimo angustiante...” (professor 21)

Codo (1999) observa que o processo de desgaste e a conseqüente dificuldade em relacionar-se afetivamente com o usuário transformam o perfil eufórico, característico do início da carreira docente, em depressivo. Este processo de desgaste pode levar à completa exaustão da energia física e/ou mental, fazendo com que o profissional abandone seu trabalho, não por não mais desejá-lo, mas por sentir-se incapaz de realizá-lo, por perder a identificação que mantinha com a atividade.

“... Deixaram tudo para nós, olhar cadernos, resolver seus problemas, verificar se estão doentes, discipliná-los, pôr limites, dar amor e carinho de professor e de família... isso é complicado.” (professor 19)

“... Eu tenho tentado envolver da maneira mais forte possível a família nesse processo, eu vejo os pais, muito ausentes no processo educacional e acho que os pais precisam ser provocados um pouco e responsabilizados pela sua parte no processo educacional.” (professor 7)

“Pais que transmitem bons valores aos seus filhos são os mais envolvidos na escola, mas em contrapartida, pais que educam como se estivessem num carro desgovernado, tampouco tem interesse nos assuntos relacionados com a própria instituição.” (professor 15)

“Coitados dos pais, eu penso que eles também estão perdidos, por que os filhos estão cada vez mais difíceis de serem educados, eu penso que quando a gente os ouve, eles também dizem que não sabem mais o que fazer, a situação deles é difícil. Apenas acho que tem que se fazer alguma coisa, porque se os filhos não estão obedecendo, tem a questão dos valores e, está faltando limites, isso tudo reflete na escola.” (professor 16)

A participação da família é fundamental para que a criança se desenvolva como estudante. Por isso ela deve ser motivo de preocupação: não dá para correr atrás de resultados de ensino sem pensar em reeducar os pais, que em sua grande maioria não conhecem a proposta pedagógica da escola, o que ela oferece e como os filhos aprendem. Uma saída é conscientizar-se que o novo papel do professor inclui atender o aluno que não vem pronto de casa para adquirir conhecimento.

Os alunos são vistos como desinteressados e indisciplinados e são percebidos, junto com a família, como os principais problemas da sala de aula. O desinteresse do aluno, nem sempre pode ser visto, como desinteresse pela escola e pelo processo de aprendizagem. O aluno de hoje quer aprender, mas não o que o professores querem ensinar e do jeito que estes querem ensinar. Muitos professores já viveram tempos de respeito, autoridade na escola, mas que hoje mudou, embora muitos lutem intensamente para recriar e voltar a estes tempos. A intencionalidade das crianças e adolescentes referente à educação difere da intencionalidade de ensino dos professores e do sistema educacional.

Percebe-se um jogo de empurra-empurra nesse discurso, isto é desgastante e só provoca reações afetivas de ataque e defesa. Não se trata de achar “os culpados”, na verdade, são justificativas para o que está posto. A contradição perpassa a todos: alunos, pais, professores e equipe pedagógico-administrativa.

Ao responsabilizar os alunos e as famílias pelo fracasso escolar, o educador deixa de analisar o papel da escola e as possibilidades que ele tem de agir como o agente público que de fato é como membro de uma instituição igualmente pública - a escola - que precisa se relacionar com o sistema para funcionar com eficiência. O professor entra neste compasso e cada vez mais se sente à parte, isolado.

A educação é um processo coletivo, que se dá em determinado espaço, uma instituição chamada escola. O que devemos vislumbrar é o compromisso de cada setor que lhe cabe no processo de transformação, dentro de uma visão de totalidade,

articulado com os demais, cobrando inclusive, que cada parte assuma suas respectivas responsabilidades.

Nas questões referentes ao salário, não é considerado, pelos professores, o maior dos problemas e sim as condições de trabalho.

“Quanto à questão salarial nós já tivemos momentos melhores, nós não podemos nos queixar se fizemos uma comparação dentro do contexto não é o salário que vai me fazer dar aulas melhores ou piores.” (professor 20)

“O salário, comparado a qualquer outra profissão que necessite do tempo de preparação que a gente teve e investi, fazer faculdade, eu acho assim o nosso salário não é nada animador, ele não é estimulante, para um professor atingir o salário que tenho hoje, em final de carreira de nível II, veja foram quantos anos para chegar aí, então quem não tem muito fôlego...” (professor 21)

“Eu não vejo a questão salarial que seja das piores... mas o que está ocorrendo é excesso de trabalho que é exigido do professor. Não é possível fazer um trabalho diferente em sala, temos muitas fichas, relatórios, muitas exigências burocráticas, que vai nos cansando e não estamos dando conta do principal, que é o aluno.” (professor 19)

Condições de trabalho, considera-se como infra estrutura, é um conjunto de condições que dão suporte para que o trabalho docente se desenvolva. Elas se constituem das “ferramentas” que são utilizadas pelos professores e alunos para executar suas atividades e dos aspectos relativos ao ambiente de trabalho. As ferramentas dos professores incluem: sua formação, sua saúde, materiais básicos de ensino e recursos pedagógicos, e um ambiente físico que favoreça o bem estar docente, do aluno e a sua aprendizagem. Os aspectos relativos ao ambiente de trabalho incluem: estado de conservação da escola, níveis adequados de ruídos e de iluminação, qualidade do ar e instalações que tragam conforto ao professor e alunos.

Definitivamente, os professores, pelo conjunto de fatores sociais e psicológicos que se expressaram nos questionários respondidos na pesquisa, sofrem as conseqüências de estarem expostos a um aumento da tensão no exercício de seu trabalho, cujas dificuldades aumentaram pela fragmentação da atividade do professor e o aumento de responsabilidades que lhes são exigidas, sem que lhes tenha dado as condições necessárias para responder adequadamente.

Diante do avanço do mal-estar, os professores buscam diversos mecanismos de defesa, conforme depoimentos dos mesmos nas entrevistas, mas que servem apenas para aliviar as tensões e não resolvê-las.

“Desânimo. Chega segunda-feira e eu digo: vai começar tudo de novo, eu estou desanimado. O físico não é tanto, a gente supera agora este mal-estar não tem como a gente explicar, vai chegar o momento que ele vai se tornar uma depressão, ele vai bater em algum lugar.” (professor 5)

“Professor não pode ficar doente e inclusive leva seis meses para marcar uma consulta daí o problema, já se for atendido de imediato só se está com um infarto, emergência, é muito demorado, eu acho que tem que ter uma preocupação com a saúde mental, eu acho que deveria ter apoio, um grupo de ajuda, de ioga, alguém que orienta uma vez por semana, um grupo de terapia” (professor 5)

“Talvez eu tenha trabalhado um pouco o meu psicológico, emocional para **nem sempre** demonstrar o estado de espírito. (...) talvez a própria formação religiosa tenha contribuído bastante, tenho procurado na medida do possível **nunca** demonstrar para o aluno o meu estado de mal-estar... () sinto às vezes cansaço mental, estresse, mas eu tenho feito um trabalho mental de auto-motivação eu sempre procuro colocar hoje na minha frente o lado positivo do trabalho...” (professor 7)

“Entre os professores, apesar de que eu acho que nós nos relacionamos bem, mas às vezes tem um clima pesado na escola e isso gera mal-estar.” (professor 16)

“[...] eu precisei, estou precisando do SAS, estou fazendo tratamento particular, porque não consigo marcar consulta só para abril do ano que vem ou maio de 2008.” (professor 19)

Portanto, para enfrentar de forma efetiva o mal-estar docente, deve-se atuar prioritariamente sobre suas condições de trabalho e sobre o apoio que o professor deve receber para realizá-lo.

Os professores, esses profissionais, são servidores públicos e, portanto, não cabe a eles formular políticas públicas. Mas são responsáveis pelo seu trabalho, pois ele é o coordenador do processo ensino-aprendizagem, deve assumir seu papel de agente histórico de transformação da realidade escolar, articulado à realidade social mais ampla.

Na abordagem que estamos fazendo do professor frente aos problemas enfrentados por ele, não queremos cair na armadilha de considerá-lo como vítima (como se estivesse impossibilitado de fazer algo em função das determinações estruturais) ou vilão (como se fosse o único responsável pelo fracasso escolar). Entendemos que o professor está passando por contradições. A grande questão que se coloca é como ele vai dar conta dessa contradição e em que direção vai procurar a superação.

A literatura empírica aponta que a mitificação do professor impede, muitas vezes, que o vejamos como ele é: um profissional, adulto, consciente de suas decisões e potencialidades, inserido numa categoria profissional que, como todas as outras, abriga

muita gente competente, mas também muita gente incompetente, sem compromisso com as transformações necessárias na educação.

Desafios e possibilidades

Diante do tema proposto, acreditamos que a promoção da saúde do professor necessita acontecer na própria escola, entre seus pares, e passa necessariamente por novos modelos de organização. É uma questão que não pode ser analisada apenas no nível da individualidade (a qual, não exime a responsabilidade das políticas públicas em viabilizar tal atividade).

Conforme a fundamentação teórica, o estudo do mal-estar docente como efeito da mudança social tem três funções bem precisas, longe de constituir um exercício de complacência face aos males do ensino, conforme assinala Esteve (1995):

1. A de ajudar os professores a eliminar o desajustamento. Se as circunstâncias mudaram, obrigando-os a repensar o seu papel como professores, uma análise precisa da situação em que se encontram ajuda, sem dúvida, a dar respostas mais adequadas às novas interrogações [...]

2. O estudo da influência da mudança social sobre a função docente pode servir como chamada de atenção à sociedade, para que compreenda as novas dificuldades com que se debatem os professores. Um elemento importante no desencadear do mal-estar docente é a falta de apoio, as críticas e a omissão da sociedade em relação às tarefas educativas, tentando fazer do professor o único responsável pelos problemas do ensino, quando estes são problemas sociais que requerem soluções sociais.

3. Traçar linhas de intervenção, que superem o domínio das sugestões, situando-as num plano de ação coerente, com vista à melhoria das condições em que os professores desenvolvem o seu trabalho. Para isso, é preciso atuar, simultaneamente, em várias frentes: formação inicial, formação continuada, material de apoio, relação *responsabilidades – horário de trabalho – salário*. (ESTEVE, 1995, p.98).

Os **objetivos** dessa proposta de intervenção serão:

- Fomentar a discussão das possíveis causas e sintomas do mal-estar que poderão servir de alerta para as necessidades de políticas públicas voltadas para a saúde dos docentes;
- Conduzir o docente a uma profunda autocrítica que redefina seu papel;
- Proceder a uma análise pormenorizada da presente crise, reveladora de sua verdadeira amplitude;
- Fortalecer a integração entre os docentes numa perspectiva de trabalho coletivo, a partir de referências teóricas, visando à mudança nas práticas pedagógicas;
- Fortalecer as equipes pedagógicas escolares de maneira a dar suporte na prática, promovendo a articulação e a integração, no cotidiano, dos aspectos ligados à gestão educacional;
- Ampliar o desenvolvimento de competências do professor pesquisador;
- Possibilitar aos docentes o aprofundamento do conhecimento e da utilização de novas tecnologias de comunicação e informação, por meio de diversas mídias interativas, discutindo seus usos na continuidade da sua própria formação e na sua prática educativa.

Metodologia

A Proposta de Intervenção acontecerá com atividades que devem ser realizadas de forma coletiva durante os horários de trabalho – nas Horas Atividades, na própria escola em momentos de reuniões ou outros encontros e nos ambientes – quanto com atividades previstas para ser realizadas individualmente ou em pequenos grupos (**oficinas**), fora dos horários de trabalho e que será explicitada na proposta de intervenção.

Algumas Considerações finais

O mal-estar existe dentro da escola, mas esse mal-estar vem de forma contextualizada na história da educação e dos profissionais que nela trabalham.

Embora os escritos até aqui tenham tido um tom pesado expressando dores e sofrimento dos professores, não é só isso que se vive dentro de uma escola.

Ao longo dessas reflexões nos deparamos com a urgência de termos um novo olhar sobre os professores, suas trajetórias humanas e escolares, suas temporalidades.

Aprendemos a acolher o tempo, diz o autor Miguel Arroyo (2004), o necessário

para o processo de mudança. É preciso dar tempo ao tempo, pois, o tempo cronológico é diferente do tempo da mudança.

Mas é preciso acolher a idéia da mudança como algo possível, mesmo que inicialmente o processo pareça aumentar os conflitos.

Algumas mudanças dependem de instâncias superiores ao professor ou à escola, mas muitas estão ao alcance do professor e da escola. Tal problema deve estar na pauta de preocupações de governos e gestores da Educação, pois afeta o trabalho pedagógico e toda sociedade perde.

Fazer educação com competência, alegria e sucesso exige formação, cuidados e valorização dos profissionais que prestam um serviço da maior relevância para a sociedade.

Referências Bibliográficas

ARROYO, M. G. **Imagens Quebradas – Trajetórias e tempos de alunos e mestres.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CODO, Wanderley. **Educação: carinho e trabalho.** Petrópolis: Vozes. 1999

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores.** São Paulo: EDUSC. 1999.

ESTEVE, J.M. **Mudanças sociais e função docente.** In: NÓVOA, A. (org). **Profissão Professor.** Porto: Porto ed., 1995, p.93-124.

NOSELLA, P. **A escola brasileira no final do século: Um balanço.** In: Frigotto, G. (org). Op. cit.